

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

GOSTAVA de trazer hoje à colação o caso dos juvenis que este ano foram um tanto, perdão, foram completamente desprezados pelos actuais responsáveis do futebol fangeiro. E no entanto todos recordamos com certa vaidade que o ano passado aqueles diabretes ficaram à frente do Gil Vicente, levaram de vencida o Esposende, impuseram-

EDITORIAL

-se ao Braga, fizeram a vida negra ao Guimarães, enfim, pintaram a manta.

A este propósito inquirimos há dias do respectivo Presidente o que se estava a passar e, como resposta, ele perguntou-nos: «Já viu o que aconteceu aos juvenis do ano passado? três foram para o Varzim, dois para o Gil Vicente, quer dizer, os melhores puseram-se na alheta. Acha que assim valerá a pena?»

Com esta pergunta Luís Viana veiculava-nos a filosofia do de-

(Continua na pág. 2)

ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS

Todos os anos a data 26 de Setembro é comemorada pelos nossos Bombeiros com maior ou menor solenidade. É a data do seu aniversário. Com efeito a Corporação dos Bombeiros Voluntários foi inaugurada no longínquo 26 de Setembro de 1926 nos baixos da «Casa do Relógio» onde posteriormente existiu o Café Galo D'oiro. Um ano antes, exactamente em 27 de Dezembro de 1925, e em consequência de um incêndio que destruiu o Hotel Cávado, o povo de Fão tinha-se reunido em Assembleia Geral e eleito os Corpos Gerentes da Associação que ficaram assim constituídos:

Presidente da As. Geral — Prior António Alves Nogueira; Vice-Presidente — Joaquim Pinto de Campos; 1.º Secretário — José Joaquim Soares Estanislau; 2.º Secretário — Américo Fernandes Peréira.

Presidente da Direcção — Dr. Bernardino José Fernandes.

Também este ano a actual Direcção procurou igualmente assinalar tão importante data com um programa que nos pareceu cuidado e evocativo.

As cerimónias realizaram-se no dia

22 de Setembro por conveniência de datas. Destacamos a bnêção e o baptismo da última ambulância a que foi dado o nome de Manuel Pinheiro Borda. Trata-se de um nome bastante prestigiado na Corporação. A quando da fundação foi um elemento de apaziguamento entre o recém-chegado pároco, Prior Nogueira, e as forças vivas da terra. No Brasil colaborou activamente na recolha de fundos para as primeiras despesas e foi destacado presidente de direcção nos últimos anos.

Foi descerrada ainda uma placa contendo o nome de todos os comandantes que serviram a corporação:

António José da Costa, Albino Tor-

(Continua na pág. 2)

A vila de Esposende inaugura Biblioteca

No último dia 23 de Setembro, sob a presidência do Dr. David Mourão Ferreira, foram inauguradas a Biblioteca Municipal e a Biblioteca Fixa Gulbenkian, no antigo edifício da cadeia.

Apesar de terem decorrido apenas 3 semanas, informa-nos o respectivo director, Dr. Neiva que a nova biblioteca conta já com 330 leitores com cartão. Regista-se uma frequência diária entre 90 a 100 utentes, com predominância da juventude. Os livros mais procurados têm sido os de Miguel Torga. A Biblioteca Gulbenkian apresenta livros muito variados que foram oferecidos pela Fundação.

A Biblioteca Municipal para já é constituída pelo rico recheio do Arquivo Municipal de que constam as actas das reuniões da Câmara de Esposende desde 1611 e outros documentos, nomeadamente pergaminhos do tempo de D. Sebastião; fazem ainda parte do recheio registos da polícia, da alfândega e do vice-consulado de Espanha que funcionou em 1845 e 1852 em Esposende e Fão; registos da entrada e saída de barcos, bem como da entrada e saída de expostos na roda da vila.

Segundo nos comunicou o Dr. Nei-

(Continua na pág. 4)



Direcção e Corpo Activo da Fundação

ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS

(Continuado da pág. 1)

res, Manuel Maria Evangelista da Silva, José Francisco da Fonte, António Carlos da Silva Vila Chã Esteves e Luís Vinha Novais.

Descerrou a lápide o actual Comandante Fernando Pereira de Vilar.

Também as Senhoras que em 1927 ofereceram à corporação a rica Bandeira de Honra que hoje constitui uma preciosa relíquia da Associação, foram homenageadas com um quadro alusivo, contendo os seus nomes:

D. Flórida Pinheiro Borda, D. Juracy Morais Silva, D. Noemy Pinto de Campos, D. Albertina Morais, D. Aracy Morais Silva, D. Belmira Vila-Chã Soares, D. Elvira Pinto de Campos, D. Alice Assunção Costa, D. Zulmira

Carneiro e D. Maria da Piedade Pinheiro Borda.

Às três sobreviventes, D. Aracy Sobral, D. Flórida e D. Maria da Piedade Borda foram entregues ramos de flores.

Na sessão solene usaram da pala-

vra o Presidente da Direcção Abel da Costa que saudou todos os presentes; rev. Avelino Borda que fez o historial da Corporação; Luís Viana em nome da Junta e o representante da Câmara que encerrou a sessão.

As freguesias de Fão, Apúlia, Fontebóia, Gandra e Rio Tinto através das respectivas Juntas foram galardoadas com medalhas comemorativas.



Comissão Angariadora de Fundos para a Bandeira da Associação

Um Almoço aproximativo

(Continuado da pág. 6)

com 50% das despesas com um imóvel cuja totalidade rondaria em 26.000 contos.

Luís Viana defendia-se dizendo que a Junta se limitou a não deixar fugir uma oportunidade e que a agarrou de modo a possibilitar a Fão a certeza de possuir um jardim infantil escolar de graça.

«O que não é a mesma coisa» — rematou o Celestino Cubelo — «pois enquanto um infantário resolveria o problema das mães e pais que precisam de trabalhar, o jardim infantil escolar trabalhará com horários rígidos e muito mais curtos, sem qualquer forma de alimentação».

Foi uma discussão muito saudável, enérgica, é certo, mas leal, em que cada interventor ficou com a sua ideia e os circunstâncias com uma informação mais alargada sobre o assunto.

O caso António Viana/Bombeiros também veio à baila trazido pelo Luís Viana, Abel da Costa e apreciado com uma certa energia pelo Adelino Saraiva. As coisas aqui azedaram-se um pouco, mas «tudo bem» como dizem os nossos amigos brasileiros.

Foi um almoço muito salutar que deve ser repetido e alargado a mais gente da terra. Artur Sobral não se mantém todo o ano, mas deixou o exemplo e não há dúvidas que reuniões destas deveriam fazer-se com mais frequência. Ninguém chorará a respectiva cobrança.

Ao Artur Sobral um bem haja por mais este magnífico serviço prestado a Fão.

(Continuado da pág. 1)

sânimo que pelos vistos contaminou todos os seus pares de Direcção e os levou a desistir da Secção de Juvenis ante a possível hipótese de estes poderem abandonar o Clube ao mínimo aceno forasteiro.

Teriam procedido bem?

Quanto a nós, não. O futebol sénior não se pode arrogar o direito de abarcar toda a dimensão do fenómeno desportivo, tanto mais que Fão, em face de certo

Depois temos de considerar a promoção sócio-económico dos atletas, o que pode acontecer sempre que um jogador é convidado a preencher as fileiras dum clube com maior projecção. São novos ensejos que surgem e que não devem ser descurados. Por outras palavras, a simples possibilidade de se virem a revelar no seio dos nossos jovens atletas outros Futres e Chalanas, bondaria só por si para se incentivar e manter a inscrição de ju-

EDITORIAL

profissionalismo que começa a implantar-se nas equipas primodivisionárias regionais, não possui gabarito económico para competir neste escalão e muito menos subir os degraus dos campeonatos nacionais.

Já nos Juvenis tal desiderato pode ser conseguido, a par da imensa alegria que as suas vitórias mais abundantes nos podem proporcionar. No ano que findou o entusiasmo gerado com a proeza dos miúdos chegou a penumbrar o campeonato dos maiores.

venis nos campeonatos oficiais.

No caso vertente a manutenção de tal equipa não trouxe nem traria para a Direcção quaisquer encargos de ordem financeira ou burocrática. Os seccionistas proviriam a tudo.

Ora, em face dos considerados expostos, não lobrigamos os motivos que levaram a filosofia do desânimo a aterrar na direcção do futebol local; tão pouco que fosse suprimida uma secção que a terra aceitou, apoiou e acarinhou.

O Mundo em que vivemos

A Trágica Missão

Ultimamente os Bombeiros têm estado em evidência. Os jornais têm noticiado largamente o seu 26.º Congresso Nacional, as intervenções, os discursos, a presença de personalidades de relevo na vida nacional.

Esta publicidade afigura-se-nos muito oportuna, pois vale como uma chamada de atenção sobre uma classe que, a despeito do seu espírito de missão, é frequentemente esquecida, só se pensando nos Bombeiros são necessários. A sua coragem, a sua abnegação discreta e simples, quase nos passam despercebidas. No entanto, eles estão lá: Nos incêndios, nas cheias, nas derrocadas, nas mais diversas — e quantas

vezes arriscadas — operações de salvamento.

Silenciosos, sem alarde, mas sempre prontos a acudir ao primeiro apelo, arriscam a vida, sem hesitar, para salvar a nossa.

E quantos de nós reconhecemos o valor da sua missão?

E quantos de nós pensámos neles com gratidão e respeito?

E quantos de nós vemos neles os fiéis defensores da nossa vida e dos nossos bens?

Estas considerações vêm a propósito de uma tragédia ocorrida recente-

mente. O protagonista foi, precisamente, um bombeiro.

Aconteceu em Lagos, no Algarve, em meados de Setembro. Um bombeiro voluntário encontrava-se de folga, num bar. Ouvindo, porém, em dado momento, o estrondo provocado por um choque de automóveis, levantou-se e correu de imediato para o local, no intuito de prestar auxílio. Na estrada, os carros jaziam, esventrados. Dos destroços tinham sido retirados dois corpos sem vida.

As mãos do bombeiro, afeitas aos gestos de salvar, quedaram-se paralizadas, inúteis. Ele olhava, siderado, os dois cadáveres, numa expressão de espanto e dor.

É que as vítimas do fatal acidente, para as quais não havia esperança nem socorro, eram a própria esposa do bombeiro e a sua única filha!...

A nossa solidariedade e nossa compreensão vão para este Homem, na hora mais trágica da sua missão.

E. Real

POSTAIS DA NOSSA TERRA

Sou Fangueiro, Fangueiro me sinto, embora de Fão tenha abalado com a idade de oito anos, regressando aos 50 já feitos. Foram cerca de 45 anos de ausência, alinda que entremeados com curtos períodos de estadia, em gozo de férias, que não fizeram diminuir aquele Amor que todo o Fangueiro sente pela Terra que o viu nascer.

Já lá vão 10 anos que regresssei e o coração quanto me dol, quanto se me confrange ao verificar o marasmo em que a

Coração, quanto me does!

nossa Terra há caído e em que, cada vez mais, se parece afundar, sem que alguém apareça que dele a faça renascer!

E esse doer, e esse confrangimento mais se torna pungente, quando, assistindo ao programa televisivo «TELEREGIÕES», se vê como em terras mais pequenas que a nossa se verificando tantas manifestações culturais, de vária natureza.

Vem isto a propósito de, há dias, ser noticiado que na freguesia de Carregueiros, perdida na área do concelho de Tomar, com menos de um milhar de habitantes, existir uma Banda Musical e, agora, se ter inaugurado um MUSEU etnográfico, modesto embora, mas que não deixa de honrar a também modesta população daquela modesta Terra!

Quando será que em Fão veremos iniciativas deste género ou de outro? Competirá isto ao «GRUPO DE AMIGOS DE FÃO»? Competirá às Forças vivas da Terra? A quem competirá? A qual ficam as perguntas; responda quem souber! Eu não sei.

QUIM MUATA

A CEGONHA

Num dos primeiros domingos de Setembro apareceu em Fão, sobre o telhado da Igreja da Misericórdia, uma cegonha. O facto por ser inédito, intrigou toda a gente que com aquela cena deparou. Pena foi quando a cegonha abriu as asas e se pôs a milhas, sem sequer ter posado para a posteridade.

Dias depois, dei comigo a pensar se aquilo não seria um bom presságio. Quando éramos pequenos contávamos-nos que os «fedelhos» eram trazidos pela cegonha. Talvez que esta cegonha tenha trazido também uma nova criança — o bebé da esperança.

ESPERANÇA numa nova geração que agora desponta e que tomará a seu cargo a defesa intransigente da terra fangueira. ESPERANÇA em fazer desta uma pérola do Turismo e nunca um caixote de lixo da Costa Verde. ESPERANÇA de que o rio seja salvaguardado de todos os lixos e poluições. ESPERANÇA de que os nossos pinhais sejam um exemplo de asseio para todo o Concelho. ESPERANÇA numa praia muito mais limpa. ESPERANÇA de que

os resguardos das paragens das camionetas e as placas de trânsito, não sejam escaqueiradas por energúmenos.

Assim como aquele que tem uma fortuna não a deve gastar à toa lembrando-se dos seus descendentes, também as riquezas naturais como o rio, o mar, os pinhais e a Vila em geral, devem por nós ser preservadas tendo em conta as gerações futuras. Não fazer isto nem alertar os outros para o fazer, é seguir o exemplo da avestruz que mete a cabeça na areia pretendendo ignorar o que se passa à sua volta.

«O Novo Fangueiro» é contra a mentalidade da avestruz e dá boas vindas à cegonha.

E Vós Fangueiros será que ireis ficar do lado da avestruz?

José Augusto Madureira

Jornal de Esposende

Garantiu-nos o seu Director, o nosso amigo Prof. Marques Henriques que o jornal de Esposende vai reaparecer.

Fazemos votos para que assim aconteça. O jornal de Esposende, bem concebido, com cuidada colaboração, com um número razoável de assinantes não tem razões para morrer.

Um abraço de congratulações.

Dr. Artur Barrote

Tem estado um pouco doente, na sua casa de Viana, o nosso amigo, Dr. Artur Barrote.

Aquele que foi o último João Semana que existiu em Fão «O Novo Fangueiro» deseja um pronto restabelecimento.

Sousa Martins

(Continuado da pág. 8)

evolução verificada na nossa terra e em todo o concelho litoral foi seu dúvida Sousa Martins. Recordemos sumariamente alguns passos da sua acção:

Estava-se no fim da guerra quando Sousa Martins apareceu por cá e o nosso turismo mal engatinhava. Foi nessa altura que ele sonhou Ofir. Pensou fazer desta zona, mais propriamente do espaço que vai da Restinga às Pedrinhas, uma zona turística e ao mesmo tempo um aglomerado populacional que se tornasse satélite das cidades de Braga e do Porto. Congregavam-se na sua pessoa qualidades que o apontavam para dar certeza a tal sonho: optimismo contagiante, prefiguração genial do futuro, boas relações com os homens do capital e ainda a sua condição de sócio da empresa de construções «Engenheiros Reunidos».

Por sugestão sua aparecem na margem esquerda da Avenida António Henriques as primeiras casas num terreno vendido pelo António Borda. É justo que se lembre esses primeiros bandeirantes de Ofir: Eng. Felisberto Cardoso, Taveira da Mota, Dr. Alexandre Babo, entre outros.

Ao eldorado de Ofir, e sempre pelo aceno de S. M., acorrem outros homens de negócios tais como Alberto Pimenta, Cupertino de Miranda, Amoroso Lo-

Casamento

No mês passado na capela da Sr.^a da Bonança realizou-se o casamento do nosso particular amigo, Manuel Ferreira Vieira, funcionário superior dos Seguros, com D. Maria Manuela Moreira, de Esposende.

Ao jovem casal que passou a viver em Fão (nem outra coisa era de aceitar), felicidades.

pes e, entre todos, o grande industrial de S. João da Madeira, António Henriques, o mais decidido colaborador de S. M. Vendem-se terrenos, erguem-se casas e o povo tem trabalho.

Afortunadamente morava na Câmara o P.^o Sá Pereira que soube compreender e apoiar o visionário de Ofir.

Como corolário de toda esta actividade surge em 9 de Julho a Sociedade de Turismo Ofir e Fão, Lda., composta entre outros por Pires Gaifém, Marquês da Foz, Artur Aires, Rodrigo de Carvalho; aparece o Hotel Ofir a complementar o pequeno restaurante das dunas, urbaniza-se o pinhal, pensa-se num campo de golf, enfim Ofir começa a ganhar corpo. Surgem os primeiros hóspedes estrangeiros.

Por contágio e mercê da velha rivalidadezinha, surge do outro lado do rio o Hotel Suave Mar; o dr. José Soares ergue o hotel do Pinhal. Um dos técnicos trazidos na «Engenheiros Reunidos», o arq. Júlio de Oliveira, levanta o encantador complexo do Parque do Rio. Ofir nasce e Fão dá o maior passo em frente da sua vida.

Ainda hoje é lícito perguntar se alguma outra terra, do Minho ao Estoril, possui uma capacidade hoteleira (só hotéis) superior a 400 quartos. Cremos que isto só acontece com Ofir (claro que é Fão) porque na década de 40 apareceu um homem que se chamou Raúl de Sousa Martins.

Curiosamente não morreu rico embora tivesse movimentado muitos milhares de contos. Não tinha paciência para o ser. Também não era um homem de negócios; o que ele pretendia era realizar obras. Elas poderiam vir a dar dinheiro, como aliás vieram, mas isso ficava a cargo dos outros.

Fão ainda não prestou a homenagem devida ao maior impulsor de toda a sua história.

Armando Saraiva

A vila de Esposende inaugura Biblioteca

(Continuado da pág. 1)

va, a Biblioteca Municipal transitará definitivamente para a Casa da Cultura que vai ser levantada na antiga Casa do Relógio após obras que estão orçadas em 35.000 contos.

Além da sala para biblioteca haverá ainda um auditório com uma centena de cadeiras, um museu, e salas para exposições variadas, além de pequenos gabinetes de leitura.

O planeamento das obras é da responsabilidade de uma Comissão Instaladora da Casa de Cultura de Esposende que foi empossada há dois anos e de que fazem parte os drs. Manuel Albino Penteado Neiva, Carlos Brochado de Almeida e Sebastião José Sá Matos.

A este grupo de cultura deve-se a publicação do Boletim Cultural de Esposende que vai já no quarto número e que tem sido muito bem acolhido pela crítica.

FALECIMENTO

Com 79 anos de idade faleceu em Fão, na rua Serpa Pinto, o sr. Manuel de Sousa Gaifém, muito conhecido pelo Manuel Paturro.

Ainda há menos de um ano havia comprado uma bicicleta a motor com a esperança de calcorrear nela longos quilómetros.

A meta apresentou-se mais cedo do que o que contava.

Paz à sua alma.

HOTEL DO PINHAL

★★★

OFIR - FÃO
4740 ESPOSENDE
Tel. 053-961473/4
Tlx. 32857

(nova Gerência pelos proprietários)

PUB TODOS OS DIAS

BOITE AOS SABADOS

2 CONJUNTOS

PARKING COM GUARDA

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

LENTES DE CONTACTO

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-16 - 4700 BRAGA - TELEF. 75777

Retalhos de Poesia: AS PALAVRAS

Palavras
São letras de braço dado,
Para formar pensamentos.
São desenhos inventados,
Pra expressar nossos tormentos.

Palavras
Portas abertas
Para entrar nos corações,
São fortes ondas eléctricas
Para incendiar multidões ...

Palavras
Sons maviosos,
Quando nos falam de amor.
Mas são gumes afiados
Quando nos causam a dor.

Palavras
Mortal veneno
Se a calúnia as provocou;
São um raio de esperança,
Se um doente consolou ...

Palavras
Sinos dobrados,
Quando anunciam a morte,
São trevo de quatro folhas,
Quando nos trazem a sorte!...

Palavras
Pedacos de alma,
Quando dizemos adeus
São écos ditos na terra
Que podem chegar aos céus ...

Palavras
São estradas livres
Quando dão a Liberdade.
É uma lágrima caída,
Se recordam uma saudade ...

Palavras
São melodias,
Transformadas em Poesias.
Densas e verdes florestas,
Sois o cântico dos Poetas ...

Palavras
São madrugadas,
Quando iluminam alguém,
São alegres gargalhadas,
Quando um filho estende os braços
E diz a rir: Minha Mãe ...

Cecília Paixão de Amorim

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

(Continuado da pág. 8)

to é, entretinham-nas com coisas mesquinhas. Pois estas duas mulheres que, ironicamente dão disciplinas demasiado técnicas e lógicas, enriqueceram-me a nível humanístico. Eram diferentes e ainda o são, distavam uma da outra uma boa dezena de anos. A mais velha, muito bonita — uma beleza discreta, daquelas que se o acaso nos fizer conhecê-las, admiramo-nos com a harmonia dos traços e com o colorido dos mesmos. A mais nova, a natureza não foi amiga, a irregularidade do rosto, não só a afeiava como lhe dava um ar agressivo e até brutal. A propósito de Verdi e

de um seu amigo pintor, nunca me esqueci das palavras de uma delas sobre o sentimento que unia os dois grandes artistas: o Amor é um sentimento Emotivo, muito Belo, tão depressa vem como vai. A Amizade, essa perdura, é um sentimento nobre, estejamos longe no Tempo ou no Espaço, não morre; continuamos sendo amigos como no dia anterior. A outra nunca me falou de sentimentos, mas todos os momentos que recordei foram de uma grande amiga.

Pousei a chávena de café e sorri-me para o rosto amigo que me escutava.

MARIA ARLETTE S. F.

GRUPO DE AMIGOS DE FÃO

No último sábado um grupo de associados do G.A.F. reuniu-se na sede local para um encontro de amizade e convívio.

Tinham-se inscrito 80 pessoas e apareceram cento e tais.

Apoiamos entusiasticamente estas visitas a Fão pois os amigos, quando são amigos, visitam-se.

NOVA OFICINA

Em Apúlia abriu uma oficina de reparações de automóveis, propriedade do nosso conterrâneo Edgar Mendanha. Auguramos muitas felicidades.

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Dr. José Augusto Madureira
Dr. Alceu Vinha dos Santos
D. Lucília Paixão de Amorim
Maria Arlete S. F.

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

SOUSA MARTINS

Se atentarmos na vida da nossa terra nas últimas décadas, temos que considerar Fão antes da época Sousa Martins e Fão pós Sousa Martins. Uma das impressões menos favoráveis a quem desembarcava de camioneta junto à loja do Xeilho ou na Avenida Manuel Pais, há uns anos atrás, era a chusma de pedintes a solicitar uma esmolinha «pelas alminhas de quem lá tem».

Por outro lado, todos recordámos o cemitério de Fão desses tempos: além dos belos jazigos que ainda hoje constituem motivo de orgulho (dinheiro do Brasil), podiam ver-se meia dúzia de túmulos de cimento e o resto eram campas rasas de terra batida. Hoje existem ainda meia dúzia de campas de cimento e as restantes são de pedra-mármore.

Os cemitérios podem constituir um indicador precioso da evolução económica de uma terra e o nosso não foge à regra.

Teria sido Sousa Martins o agente dessa transformação? Sem dúvida que no após guerra se verifica uma melhoria sócio-económica em todo o mundo ocidental, não se podendo discernir se foi este ou aquele governante, estoutro ou aqueloutro partido o principal agente dessa evolução. O que podemos afirmar é que o instrumento ou motor da

(Continua na pág. 4)



Minha amiga vinha surpreendida: como era possível que eu «pouco sociável» no entender dela, conseguisse que duas «velhas» e queridas professoras da escola onde fazia seu estágio, revivessem juntamente comigo dezoito anos atrás.

Sentamo-nos no pequeno café, e, respondi-lhe: muito simples, a Amizade e o desejo de Saber. Curiosamente ambas as professoras tiveram uma influência muito grande no meu carácter e na minha actuação, mas de facto, nunca foram minhas professoras nas disciplinas que leccionavam. Razão porque desconheço se elas alguma vez pensaram na importância que tiveram

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

na minha adolescência. Hoje, após este reencontro mais ou menos ocasional, ficaram a sabê-lo.

Para mim, continuam sendo um marco de personalidade: cultas, autónomas, autênticas e dinâmicas. Com elas e através delas foi possível uma aprendizagem de Teatro, Cinema, Literatura e Música. Foi possível um apuramento na observação e atenção, um sentido crítico das coisas, nada doentio. Foi possível discutir como pessoas, problemas reais da nossa sociedade e da sociedade dos outros, tudo isso foi possível fazer-se num tempo em que o obscurantismo era lei no país, em que os homens sabiam e as mulheres não tinham direito ao saber. Is-

(Continua na pág. 5)

Um Almoço aproximativo

Isto de a família fangeira andar desavinda não tem jeito nenhum, assim terá pensado Artur Sobral que num domingo de Setembro reuniu em sua casa um grupo de pessoas da terra para uma troca de impressões e um desfazer de equívocos.

Estiveram lá Celestino Cubelo Moraes, pela Santa Casa, Abel da Costa, dos Bombeiros, Agonia Pereira (Clube Fãozense), Luís Viana (Junta de Freguesia e Futebol), Adelino Saraiva (Confraria do Bom Jesus) Belmiro Viana (Fanfarras dos Escuteiros), Armando Saraiva (O Novo Fangeiro) e finalmente o Pároco, P.º Vilar.

Para começar deve dizer-se que alguns comensais estavam de relações cortadas e saíram de lá a falar todos uns com os outros. Depois surgiram, ou antes, todos foram obrigados a usar da palavra e não há dúvida que o mote

foi igual: agradecia-se ao anfitrião a esplêndida ideia de reunir todos quantos ocupavam cargos de responsabilidade na terra, ninguém estava (ficaria?) zangado com ninguém e Fão não se podia dar ao luxo de ter as agremiações umas contra as outras.

Naturalmente que os temas mais candentes foram postos na mesa, no meadamente o caso do jardim infantil escolar pedido pela Junta para as Esco-

las Amorim Campos que colidia com a manutenção do infantário, da responsabilidade da Santa Casa. Pelo menos a aquisição de um edifício novo ficava protelada *sine die*.

Disse o Provedor que à Câmara era muito mais cómodo aderir a um jardim infantil escolar no edifício das Escolas Amorim Campos, portanto sem despesas para ela, do que ter que avançar

(Continua na pág. 2)

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO